

Práticas Corporais de Aventura na Natureza: possibilidades pedagógicas da escola à trilha

Body-Based Adventure Practices in Nature: pedagogical possibilities from school to trail

Prácticas Corporales de Aventura en la Naturaleza: posibilidades pedagógicas de la escuela al sendero

Mádson Moraes da Silva¹ , Dandara Queiroga de Oliveira Sousa² 

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil.

² Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil.

Autor correspondente:

Mádson Moraes da Silva

Email: madsonmoraes257@gmail.com

Como citar: Silva, M. M. da, & Sousa, D. Q. de O. (2026). Práticas Corporais de Aventura na Natureza: possibilidades pedagógicas da escola à trilha. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 17(36), e24697.
<http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v19i38.24697>

RESUMO

Este estudo objetiva analisar as possibilidades pedagógicas para o ensino e aprendizagem das Práticas Corporais de Aventura na Natureza com estudantes do ensino médio em uma escola estadual e na Trilha dos Bastiões, na cidade de Serrinha dos Pintos, Rio Grande do Norte. Trata-se de um estudo descritivo, qualitativo, caracterizando-se como uma pesquisa-ação. Dos achados da pesquisa, evidenciamos as possibilidades didático-pedagógicas e transversalizadas de ensino, a saber: gestão de risco, Trekking de competição na escola e na Trilha dos Bastiões, interdisciplinaridade, microaventuras, uso de recursos tecnológicos, a abordagem dos Temas Contemporâneos Transversais meio ambiente e saúde, impactos, crimes e leis ambientais. Em síntese, as possibilidades de ensino e aprendizagem podem se dar de diferentes formas, dada a perspectiva do conteúdo e estratégias específicas da aventura, da modalidade trabalhada, bem como dos espaços explorados.

Palavras-chave: Aventura. Trekking. Educação Física escolar. Prática pedagógica.

ABSTRACT

This study aims to analyze the pedagogical possibilities for teaching and learning Body-Based Adventure Practices in Nature with high school students at a state school and on the Bastiões Trail in Serrinha dos Pintos, Rio Grande do Norte. This is a descriptive, qualitative study characterized as action research. The research findings highlight the didactic-pedagogical and transversal teaching possibilities, namely: risk management, competitive trekking at school and on the Bastiões Trail,

interdisciplinarity, micro adventures, use of technological resources, the approach of Contemporary Cross-Cutting Themes: environment and health, impacts, crimes and environmental laws. In summary, the teaching and learning possibilities can take different forms, given the perspective of the content and specific strategies of the adventure, the modality developed and the spaces explored.

Keywords: Adventure. Trekking. school Physical Education. Pedagogical Practice.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar las posibilidades pedagógicas para la enseñanza y el aprendizaje de las Prácticas Corporales de Aventura en la Naturaleza con estudiantes de la enseñanza media en una escuela pública provincial y en el Sendero de los Bastiões, en la ciudad de Serrinha dos Pintos, Rio Grande do Norte. Se trata de un estudio descriptivo y cualitativo, caracterizado como una investigación-acción. A partir de los hallazgos de la investigación, se evidencian las posibilidades didáctico-pedagógicas y transversalizadas de enseñanza, como: gestión de riesgos, trekking competitivo en la escuela y en el Sendero de los Bastiões, interdisciplinariedad, microaventuras, uso de recursos tecnológicos, abordaje de los Temas Contemporáneos Transversales direccionados al medio ambiente y salud, a los impactos, delitos y leyes ambientales. En síntesis, las posibilidades pueden darse de diferentes maneras: según la perspectiva del contenido, las estrategias específicas de la aventura, modalidad trabajada y de los espacios explorados.

Palabras clave: Aventura. Senderismo. Educación Física escolar. Prácticas pedagógicas.

MARCOS INICIAIS

As Práticas Corporais de Aventura (PCA), também conhecidas por outras nomenclaturas no Brasil e na literatura especializada, como atividades físicas de aventura, atividades físicas de aventura na natureza, esportes na natureza, esportes radicais, esportes de risco, esportes de ação, entre outras, são atividades que se relacionam com o conceito de risco controlado, onde a vertigem, o medo, o desequilíbrio e enfrentamento dos perigos estão presentes (Inácio & Baena-extremera, 2020).

Nesse sentido, estas práticas têm sido cada vez mais procuradas por pessoas que buscam se sentirem mais próximas da natureza e sua imprevisibilidade, colocando à prova seus limites e capacidades de resolução de problemas, sendo estudadas, no âmbito do lazer, desde a década de 1990 (Sousa & Araújo, 2016).

No campo da educação, as PCA se tornam obrigatórias no currículo da Educação Física escolar com a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no ano de 2018. Entretanto, antes mesmo da BNCC, já haviam estudos que tratavam da temática no contexto escolar. A título de exemplo, destacamos os estudos de Sousa et al. (2015), Tahara e Darido (2016), Inácio et al. (2016) e Pereira e Armbrust (2010).

Diante da diversidade de termos utilizados para caracterizar estas práticas, adotamos o termo Práticas Corporais de Aventura na Natureza (PCAN), fazendo jus ao tema do presente trabalho, conceituado por Inácio (2014) como práticas corporais que objetivam a aventura e o risco em ambientes com pouca interferência humana e distante dos centros urbanos, realizadas na água, terra e/ou ar, caracterizando-se, ainda, por possuírem alto valor educativo.

Nessa perspectiva, concordamos com a BNCC ao apresentar as PCA como uma unidade temática que explora as expressões e experimentações corporais quando o praticante interage com um ambiente desafiador ou imprevisível, sendo classificadas de acordo com o ambiente em que está sendo realizada para a geração de vertigem e risco controlado. Nesse caso, o meio urbano, em que os alunos exploram as “paisagens de cimento”, como prédios, estradas e calçadas, e na

natureza, onde a paisagem natural é a característica principal, como bosques, parques, trilhas e lagos (Brasil, 2018).

Nessa ótica, as PCA se justificam no contexto escolar pelo seu poder em estimular diferentes emoções e experiências aos estudantes quando eles praticam e interagem com situações não tão comuns no dia a dia ou nas aulas de Educação Física escolar, além da possibilidade de superação dos limites pessoais, sendo o único conteúdo da Educação Física escolar que mais se aproxima das discussões da Educação Ambiental (Franco et al., 2018; Franco et al., 2014).

De acordo com Silva e Sousa (2025), ainda são presentes dificuldades ao abordar o conteúdo das PCA na escola, como a falta de materiais, equipamentos adequados e espaço para realização dessas atividades dentro dos muros da escola, a inviabilidade de aulas de campo devido a questões como a não aceitação e preocupação da gestão escolar e dos pais sobre a segurança dos estudantes, assim como a falta de formação docente para trabalhar com o conteúdo de forma sistematizada no espaço escolar. Diante desse contexto, os professores de Educação Física necessitam encontrar estratégias que contemplem o ensino das PCAN, visto que as aulas da disciplina não podem parar por causa da escassez de materiais e espaços. Dessa forma, os problemas encontrados no contexto escolar são estímulos para que os docentes procurem alternativas pedagógicas em seus planejamentos visando o desenvolvimento dos estudantes (Santos & Rosa, 2023).

Com base nisso, trazemos a seguinte problemática: quais as possibilidades pedagógicas para o ensino e aprendizagem das PCAN com estudantes de ensino médio em uma escola estadual e na Trilha dos Bastiões, em Serrinha dos Pintos - RN?

A ideia deste estudo surgiu a partir de vivências em trilhas realizadas como momentos de lazer durante o ensino médio na cidade de Serrinha dos Pintos - RN. Nesse sentido, a pesquisa tem como intenção também ampliar e sistematizar as PCAN enquanto conteúdo da Educação Física na escola, o que em outrora estava presente apenas em atividades de lazer.

Para tanto, o objetivo da pesquisa foi analisar as possibilidades pedagógicas para o ensino e aprendizagem das PCAN com estudantes do ensino médio em uma escola estadual e na Trilha dos Bastiões, na cidade de Serrinha dos Pintos – RN. Nessa perspectiva, destacamos que para este artigo não discutiremos as implicações das metodologias utilizadas, direcionando as análises somente para as possibilidades enquanto propostas pedagógicas.

ROTA ESCOLHIDA

Indicamos nesta seção a rota metodológica escolhida para este artigo, que se caracteriza como um estudo descritivo. Dessa forma, optamos pelo conceito trazido por Gil (2002) evidenciando que as pesquisas descritivas visam principalmente descrever as características de certa população ou fenômeno, ou o estabelecimento de conexões entre variáveis.

Diante das diferentes abordagens metodológicas, trata-se de um estudo qualitativo, que se define a partir de Pope e Mays (2005) como uma pesquisa em que se relacionam as compreensões e significados que as pessoas atribuem às suas experiências no mundo, interpretando suas interações e comportamentos.

Identificamos, assim, o estudo como uma pesquisa-ação que, para Thiollent (2004, p. 14) trata-se de

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A pesquisa foi realizada com o docente de Educação Física da Escola Estadual Francisco de Assis da Silva (EEFAS), localizada no município de Serrinha dos Pintos – RN, e uma turma de 3º ano,

com 25 (vinte e cinco) estudantes matriculados, de faixa etária entre 17 (dezesete) e 19 (dezenove) anos de idade.

Em se tratando das etapas da pesquisa, para um primeiro momento realizamos uma avaliação diagnóstica por meio de uma entrevista semiestruturada baseada em Jales (2024) com o docente de Educação Física da EEFAS, para compreender a sua prática pedagógica com as PCA no currículo da Educação Física escolar. Desse modo, a avaliação diagnóstica balizou o planejamento, que se desenvolveu coletivamente com o professor partícipe da pesquisa, a partir de encontros na própria escola e visitas à Trilha dos Bastiões para análise dos espaços e planejamento das atividades a serem realizadas.

Concluindo a etapa de planejamento, foram pensadas 8 (oito) aulas a serem desenvolvidas no período de um mês, utilizando-se de estratégias como aulas expositivas e dialógicas com slides sobre as PCA, *Trekking*, gestão de riscos e meio ambiente, vivências práticas com as modalidades de *Trekking* de Velocidade e Regularidade na escola e na Trilha dos Bastiões, assim como a produção e apresentação de vídeos sobre temas que fazem relação com as PCAN, na ocasião, o descarte inadequado de lixo na natureza, a gestão de risco, alimentação saudável e exercício físico, bem como a origem das PCA.

As aulas realizadas na EEFAS tiveram duração de 50 (cinquenta) minutos, uma vez que a escola contava com apenas uma aula de Educação Física por semana. Diante desse contexto, as aulas realizadas na Trilha dos Bastiões foram realizadas em sábados letivos combinados previamente com os estudantes e professor partícipe da pesquisa. No quadro abaixo destacamos a sequência, as ações e materiais de cada aula¹.

Quadro 1. Conteúdo, ações metodológicas e materiais utilizados nas aulas.

AULAS	CONTEÚDOS	AÇÕES METODOLÓGICAS	MATERIAIS
1	Conceito de PCA; História e tipos de <i>Trekking</i> .	Aula expositiva e dialógica com slides sobre PCA e <i>Trekking</i> .	Projektor de multimídia.
2	Gestão de risco e impactos ambientais nas PCAN.	Diálogo sobre os riscos presentes nas PCA; Avaliação dos riscos da Trilha dos Bastiões; Diálogo sobre os impactos ambientais das PCAN e como minimizá-los; Aula expositiva e dialógica com slides.	Projektor de multimídia.
3	Microaventura com <i>Trekking</i> de Velocidade na escola.	Explicação sobre o objetivo, regras e funções no <i>Trekking</i> de Velocidade; Divisão das equipes e funções; Leitura e interpretação da planilha e como utilizá-la durante o circuito; Leitura e interpretação dos elementos do mapa da escola e como se orientar por ele; Explicação de como marcar o tempo no cronômetro; Vivência do <i>Trekking</i> de Velocidade na escola.	Mapa da escola; Planilha de orientação e anotações; Recortes de folha sem pauta para sinalizar ponto de controle; Celular para marcar o tempo.
4	Microaventura com <i>Trekking</i> de Regularidade na escola.	Explicação do objetivo e regras do <i>Trekking</i> de regularidade, diferenciando do de velocidade; Leitura e interpretação dos elementos do mapa da escola e como se orientar por ele; Explicação de como marcar o tempo no cronômetro a cada ponto de controle; Vivência do <i>Trekking</i> de Regularidade na escola; Explicação sobre os benefícios do <i>Trekking</i> de acordo	Mapa da escola; Planilha de orientação e anotações; Recortes de folha sem pauta para sinalizar ponto de controle; Celular para marcar o tempo.

¹ Acesse para visualizar:

Registros fotográficos: <http://bit.ly/46VASSp>

Materiais didáticos: <http://bit.ly/4odpuIU>

		com a Federação Mineira de Trekking e Enduro a Pé anotados a cada ponto de controle.	
5	Trekking de Velocidade na Trilha dos Bastiões.	Alongamento e aquecimento; Divisão das equipes e funções; Leitura e interpretação da planilha de anotações e mapa; Vivência do <i>Trekking</i> de Velocidade na trilha com questões sobre o conteúdo em cada ponto de controle.	Mapa da Trilha dos Bastiões; Planilha de orientação e anotações; Celular para marcar o tempo; Placas feitas de cartolina com questões sobre o conteúdo.
6	Leis e crimes ambientais.	Diálogo sobre as leis e crimes ambientais; Diálogo sobre a relação entre as PCAN e os crimes ambientais; Identificação de possíveis crimes ambientais na Trilha dos Bastiões; Aula expositiva com slide.	Projektor de multimídia.
7	Trekking de Regularidade na Trilha dos Bastiões.	Alongamento e aquecimento; Divisão das equipes e funções; Leitura e interpretação da planilha de anotações e mapa; Vivência do <i>Trekking</i> de Regularidade na trilha com confirmação de passagem pelos pontos a partir de uma foto com a equipe inteira a cada ponto de controle; Conferência das fotos e cálculo da pontuação de cada equipe para determinar o vencedor.	Mapa da Trilha dos Bastiões; Planilha de orientação e anotações; Celular para marcar o tempo e registrar a passagem nos pontos; Placas feitas de cartolina enumeradas.
8	Apresentação dos vídeos produzidos.	Diálogo sobre cada tema/vídeo apresentado.	Projektor de multimídia.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Durante a sequência didática, utilizamos diários de campo como instrumento avaliativo e de coleta de dados. Nessa perspectiva, ao fim de cada aula, os estudantes recebiam uma folha com sugestões de anotações sobre a aula, assim, podiam destacar os novos conhecimentos construídos na aula e outras observações importantes, como pontos positivos, negativos, sugestões e reflexões. Para o professor da EEFAS, o roteiro do diário de campo seguia a mesma lógica, acrescentando-se as possíveis contribuições para própria prática pedagógica.

Sobre o diário de campo, dialogamos com Kroeft et al. (2020, p. 477), compreendendo que,

A escrita de cada diário de campo possui endereçamentos, à medida que será um texto compartilhado com outros integrantes da pesquisa e que alguns trechos, possivelmente, constituam parte da escrita de publicações para outros(as) pesquisadores(as) e/ou profissionais. Desta forma, nenhum diário de campo irá contemplar o registro de uma suposta totalidade da experiência de pesquisa, pois é um texto organizado, editado e apurado conforme propósitos narrativos específicos, o que pode implicar movimentos de censura (mesmo que não propositais).

No contexto da sequência didática, destacamos que o professor pesquisador teve total autonomia para conduzir as aulas, contando, ainda, com auxílio do professor partícipe da pesquisa.

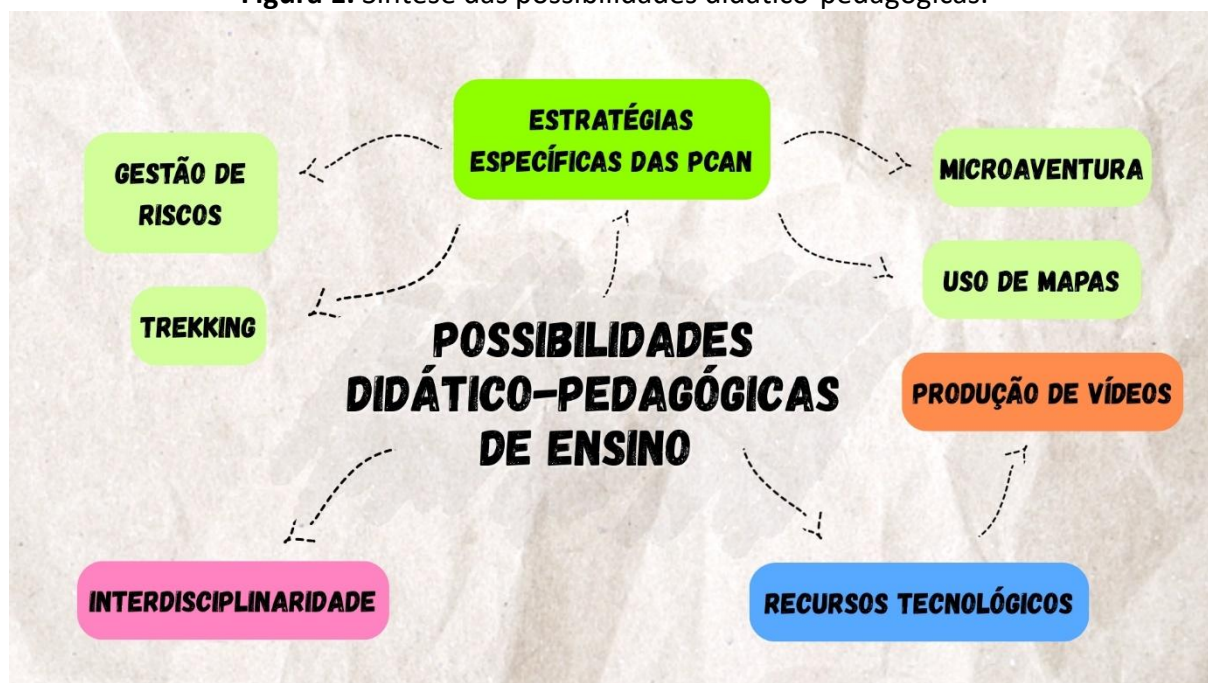
Para discussão dos dados, na seção a seguir, realizamos o diálogo dos achados nos diários com a literatura especializada. Sobre os critérios para participação da pesquisa, adotamos como critérios de inclusão o aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte do docente e dos responsáveis pelos alunos, bem como o aceite do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido pelos estudantes. Nesse sentido, o critério de exclusão se deu pelo não aceite dos termos.

Elucidamos que essa proposta de estudo seguiu todos os princípios éticos que regulamentam a pesquisa com seres humanos (Resolução nº 466/12 e nº 510/16) e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob nº CAEE: 83914724.6.0000.5294, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. A fim de garantir o sigilo e a confidencialidade dos participantes, seus relatos foram identificados por meio de codinomes correspondentes a esportes de aventura.

POSSIBILIDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS DE ENSINO

Dentre as possibilidades de ensino, destacamos os aspectos didático-pedagógicos para o ensino das PCAN enquanto conteúdo da Educação Física escolar. Para isso, entendemos os conhecimentos didático-pedagógicos como os elementos relacionados ao processo de ensino, por exemplo, o conteúdo selecionado, os objetivos, as metodologias e estratégias utilizadas para alcançar os objetivos traçados, os recursos e as formas de avaliações (Hegeto, 2019). Dessa forma, ilustramos abaixo a Figura 1 que sintetiza as possibilidades didático-pedagógicas de ensino discutidas ao longo desta seção.

Figura 1. Síntese das possibilidades didático-pedagógicas.



Fonte: Elaborado pelos autores. (2026)

Em se tratando das PCA, há de se compreender a presença dos riscos dessas atividades. Para Franco et al. (2014, p. 108),

As práticas corporais de aventura possuem forte relação com os riscos, gerando a demanda por esforços estruturados que superem a simples intencionalidade de promover práticas seguras. Portanto, torna-se relevante a compreensão destes riscos, que podem ser conceituados como o efeito das incertezas sobre os objetivos estabelecidos e variam de acordo com cada atividade.

Nessa lógica, uma das possibilidades de estratégias específicas para o ensino das PCAN é a compreensão e análise dos riscos presentes durante as atividades que serão realizadas nas aulas, de modo que para além dos esforços do professor, os estudantes sejam capazes de compreender, analisar e gerir os riscos, considerando que, a existência dos riscos nas atividades de aventura é aspecto inerente à prática, não sendo um fator impeditivo para a sua execução, tendo relação com a motivação e procura por estas vivências (Franco et al., 2014).

De acordo com a aluna Escalada, “é muito importante ter cuidado com os riscos e ir bem preparada para qualquer situação”. Dessa forma, ao optarmos por trabalhar com as modalidades de *Trekking* de competição (velocidade e regularidade) em um espaço não formal de educação, o cuidado com os riscos presentes nas atividades é de suma importância. Para a aluna Alpinismo, “um exemplo foi fazer uma trilha e acabar torcendo o pé ou até mesmo durante uma trilha levar picadas de abelhas. O ponto positivo é que vimos como termos cuidados nesses momentos”.

A gestão dos riscos das PCAN deve passar por todos os envolvidos, sejam as pessoas ofertando ou norteando as práticas, assim como os próprios praticantes. Diante disso, a possibilidade para a análise dos riscos adotada durante as aulas foi realizada a partir do passo a passo proposto por Auricchio (2016), que se caracteriza como uma análise quantitativa dos riscos, possibilitando desde a identificação dos perigos até a classificação dos riscos, permitindo que os envolvidos possam tomar as devidas ações para tratar os riscos a depender de cada situação analisada.

Enfatizamos, ainda, a gestão do risco como uma possibilidade para o ensino das PCAN, uma vez que os riscos durante as atividades podem ir de um simples arranhão até uma lesão mais grave ou morte. Dessa maneira, conhecer o que são os riscos, as probabilidades, consequências e como tratá-los, proporciona aos alunos uma maior segurança, tomada de consciência de suas ações durante as atividades e instiga o senso de responsabilidade de si e para com os colegas de turma. Em consonância, Shoenberger (2023, p. 57) sugere que,

Para o desenvolvimento das práticas corporais de aventura na natureza, além dos cuidados éticos que deve-se ter quanto a preservação e a perpetuação do ambiente para as futuras gerações, os praticantes devem ser iniciados em um estudo sobre o local onde será desenvolvida a prática, procedimentos quanto a montagem e manuseio dos equipamentos necessários, conhecimento prévio quanto às condições climáticas para o dia em que a atividade será executada, noções básicas de primeiros socorros, entre outros.

Para a escolha do *Trekking* como estratégia específica para o ensino das PCAN, consideramos a cultura de movimento já estabelecida na EEFA de realizar passeios em trilhas, bem como o potencial de aprofundamento do conteúdo com a apresentação e sistematização das aulas a partir da modalidade.

Nesse sentido, o *Trekking* se caracteriza como uma caminhada em meio à natureza com diferentes manifestações, podendo ser realizado por lazer, individualmente ou em grupo, com percursos curtos que se completam em horas ou mais longos, em que se passam dias para concluir a caminhada, necessitando de acampar em um trecho do percurso, e de forma competitiva, que se difere em provas de velocidade e regularidade, utilizando instrumentos como cartas de navegação, mapas, bússolas e cronômetro (Lima, 2021).

Com intuito de conhecer e vivenciar as modalidades de *Trekking* de Velocidade e Regularidade, realizamos duas aulas práticas no espaço escolar. A aluna Escalada explica em seu diário:

A aula sobre o *Trekking* de velocidade foi prática. Dividimos a sala em grupos, cada um responsável por uma função, olhar o mapa, anotar e medir o tempo. O grupo que conseguir passar por todos os pontos e fazer as atividades em menor tempo, ganha. (Foi o meu).

Em se tratando do *Trekking* de Regularidade, também no espaço escolar, a atividade se diferencia em alguns aspectos conforme conceituado pelo aluno Rafting em seu diário:

Na aula de hoje foi feita a prática do *Trekking* de regularidade que define em um percurso que você tem um tempo certo para chegar nos locais, não se pode nem chegar atrasado demais ou

adiantado demais, é totalmente diferente da outra praticada que tinha como objetivo fazer o percurso no menor tempo possível.

Na mesma direção, o aluno Mountain Bike em seu diário reflete que “experenciemos uma amostra do *Trekking* de regularidade, fazendo um pequeno trajeto na escola”, caracterizando, então, as Microaventuras. O termo, apresentado por Pimentel (2022), descreve atividades de iniciação à aventura de forma lúdica, segura e acessível no contexto escolar, por meio de jogos, brinquedos e brincadeiras que contenham a lógica interna das PCA, ainda, contemplando os aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais da modalidade (Risso, 2023).

Nessa perspectiva, destacamos o relato da aluna Esporte Orientação: “Ponto positivo: ter compartilhado momentos com os colegas e ter prática de corrida de forma divertida sem parecer uma atividade chata”. Nesse sentido, as Microaventuras possibilitam o desenvolvimento de atributos como a interpessoalidade (Miranda, 2023), que se refere a relação dos participantes durante a atividade, possibilitando um bom desempenho da equipe e o prazer de vivenciar momentos divertidos com os colegas de sala. Assim como a cooperatividade (Miranda, 2023), que se relaciona com o sucesso da equipe, que ao apresentar uma maior cooperação, possivelmente terá melhores resultados ao fim da atividade, como evidenciado pelo Aluno Skate: “A brincadeira foi muito legal (principalmente porque a minha equipe conseguiu ganhar), ela contribuiu para que possamos aprender a trabalhar em equipe e fortalecer a união”.

Outro aspecto relatado pelo Aluno Skate foi sobre o engajamento das atividades: “[...] foi uma competição interessante e imersiva, me senti dentro de uma competição oficial”. Refletindo, assim, um dos principais aspectos da Microaventura, que é a compreensão do sentimento de estar vivenciando a modalidade, pois se utiliza das regras e lógicas da modalidade no jogo ou brincadeira, facilitando a apropriação do conteúdo. Dessa forma, o aspecto técnico da modalidade não é excluído em detrimento do lúdico. Pelo contrário, na Microaventura, quanto melhor a técnica, mais os participantes se divertem (Pimentel, 2022).

O professor Hiking destaca uma estratégia específica para o ensino das PCAN ao relatar que “Na aula aprendemos como nos orientar por meio de um mapa”. Para a realização do *Trekking* de competição na escola, cada equipe recebeu um mapa da escola contendo os pontos de controle, então, para melhor locomoção na atividade são necessárias as habilidades de leitura de mapa, que se refere à habilidade de interpretar as informações presentes no mapa; a navegação, que pode ser entendida como a capacidade de se locomover sabendo sua localização no mapa; por fim, a orientação do mapa, que é o ato de alinhar o mapa com o terreno com o auxílio de bússola ou apenas com a observação do terreno (Dias & Moreno, 2019).

Faz-se necessário esclarecer, aqui, que o uso dos mapas em detrimento da carta de orientação utilizada nas competições oficiais de *Trekking*, se justifica pela ausência de bússolas como recurso pedagógico. Diante desse desafio, as atividades foram desenvolvidas com o uso dos mapas, porém, preservando as regras, funções e maneiras de marcar o tempo das modalidades de *Trekking* de competição.

De outra perspectiva, o aluno Slackline destaca em seu diário: “Pontos positivos: didática com slides, imagens e conceito do assunto”. Sob esse olhar, evidenciamos a importância dos recursos tecnológicos como apoio para o professor durante o processo de ensino, bem como facilitadores para a aprendizagem dos estudantes. A exemplo, o aplicativo Canva Pro para o desenvolvimento de slides que podem ser utilizados para complementar o ensino das PCAN com artes e imagens que permitam um melhor entendimento. Possibilitando, ainda, a criação de mapas do espaço escolar ou algum outro espaço que aulas possam ser realizadas.

Nesse intento, o professor Hiking registrou em seu diário: “poderíamos aproveitar bastante o material utilizado na aula como slides, artigos e o sistema de avaliação que se caracterizou por ser processual”, nesse caso, utilizando o diário de campo como instrumento avaliativo, em que o

docente pode verificar se houve ou não a aprendizagem do conteúdo, permitindo identificar lacunas na aprendizagem do conteúdo.

Tratando-se de aspectos avaliativos, destacamos a estratégia de produção de vídeos a partir da leitura de textos, fazendo o uso de câmeras dos celulares e aplicativos de edição de vídeos. Sobre isso, o professor Hiking destaca em seu diário como “uma estratégia de metodologia ativa que colocou os alunos para aprenderem fazendo”, sendo uma possibilidade pedagógica em que os alunos se tornam autores de suas produções, estimulando a criatividade e autonomia, proporcionando o aprendizado de diferentes temáticas, como aborda a aluna Escalada em seu diário: “Aprendemos sobre gestão de riscos, o descarte adequado do lixo, o conceito de trekking e sobre atividades físicas no geral como a academia”.

Para além dos espaços da escola, utilizamos um espaço não formal de educação, nesse caso, a Trilha dos Bastiões. Nessa perspectiva, Jacobucci (2008) caracteriza os espaços não formais de educação como locais em que a educação não é garantida por Lei ou que não possuem esse propósito, entretanto, é possível desenvolver práticas educativas nesses lugares. Para Puppim (2023, p. 42), “o espaço não formal é um ambiente diferenciado de ensino, sendo compreendido como motivador, como meio de ampliar a participação do aluno na construção e na significação dos conhecimentos”.

Nesse sentido, nas aulas de campo, o processo ensino-aprendizagem se dá por meio do contato com o ambiente externo a escola, possibilitando a vivência prática do conteúdo estudado e de relacioná-lo com a sociedade em que os alunos estão inseridos. A aluna Asa Delta destaca em seu diário: “Nessa aula nós realizamos uma atividade fora do nosso ambiente escolar e foi bem legal, [...] foi divertido porque foi fora da escola e eu nunca tinha ido”, refletindo o aspecto motivador das aulas em espaços não formais de educação como possibilidade pedagógica nas aulas sobre as PCAN.

Diante disso, a Trilha dos Bastiões, com distância de 4km (ida e volta) tem seu início ao lado da EEFA, como caracteriza a aluna Surfe: “não é tão extensa, mas se torna cansativa por ter muita ladeira inclinada”. Nesse aspecto, dialogamos com Nascimento (2022) que, com essas possibilidades de ensino, torna-se primordial o olhar para os espaços além dos muros da escola, sejam eles ambientes de baixa intervenção humana, como é o caso da Trilha dos Bastiões, ou em espaços com a presença de natureza, como praças e parques, permitindo que os estudantes não só aprendam sobre as modalidades de PCAN, mas que possam conhecer e vivenciar esses espaços.

Entretanto, vale destacar que para aulas de campo e especificamente em espaços naturais, é importante que os riscos sejam gerenciados no sentido de que todos os envolvidos estejam cientes dos perigos presentes e da imprevisibilidade do ambiente. Nesses casos, se fazem necessárias orientações sobre como seguir a trilha coletivamente, observar onde se pisa e estar atento à presença de animais, insetos, plantas ou outras fontes de perigo.

Das possibilidades do *Trekking* com o espaço da Trilha dos Bastiões, destacamos o uso dos mapas, assim como no espaço escolar. Entretanto, ao se tratar da confecção de mapas da trilha, trazemos o uso do aplicativo Google Earth Pro, que utiliza imagens de satélites para criação de carta imagens ou mapas de espaços naturais ou urbanos, permitindo a criação de rotas e marcar pontos, que funciona como um modelo Atlas tradicional. Porém, de forma digital (Lima et al., 2021).

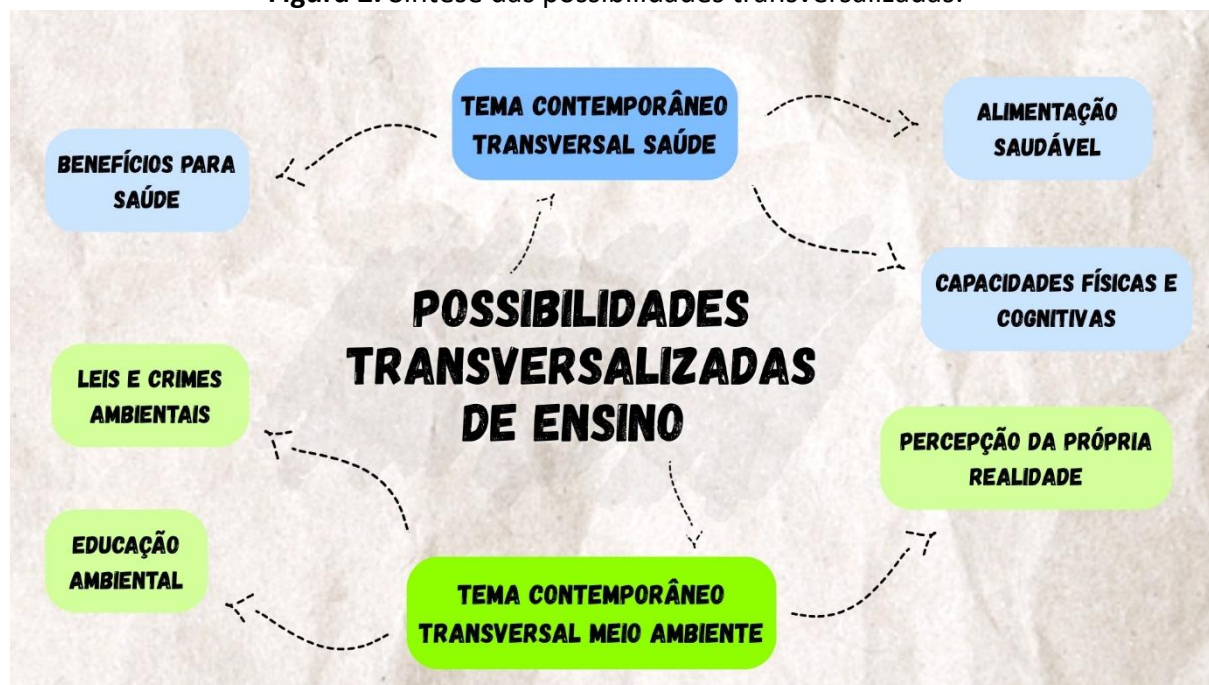
Nesse contexto, o mapa da trilha criado pelo Google Earth Pro se diferencia do mapa da escola criado no aplicativo Canva Pro, visto que tratando-se de imagens de satélite, os alunos precisam identificar com precisão o percurso correto da trilha, uma vez que é possível identificar outros caminhos, que levam a outros lugares.

POSSIBILIDADES TRANSVERSALIZADAS DE ENSINO

Embora trate-se, também, de possibilidades didático-pedagógicas, destacamos, aqui, as possibilidades transversalizadas de ensino, visto a sua relevância para o contexto das PCAN, como também para a formação de cidadãos críticos. Dessa forma, os Temas Contemporâneos

Transversais (TCT) são assuntos que permeiam os conteúdos escolares e afetam a vida humana num contexto local, regional e global, como temas relacionados a saúde, meio ambiente, alimentação saudável, entre outros (Brasil, 2018). Nesse sentido, a Figura 2 ilustra as possibilidades transversalizadas abordadas nesta seção.

Figura 2. Síntese das possibilidades transversalizadas.



Fonte: Elaborado pelos autores. (2026)

Concordamos, então, com a ideia de que na Educação Física escolar não há outro conteúdo que se aproxime tanto das temáticas de educação ambiental quanto as PCAN. Nesse sentido, trazemos a luz o Art. 1º da Lei nº 9.795, que institui a Política de Educação Ambiental no Brasil (Brasil, 1999, p. 1):

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Em se tratando das PCAN, o professor Hiking corrobora ao citar que o “Trekking se configura como de fácil correlação com o tema transversal educação ambiental”, além de que com o aumento da procura pelo contato com a natureza, as PCAN se figuram como um importante conteúdo para as aulas de Educação Física, possibilitando trabalhar com as questões relacionadas à educação ambiental e provocar a criticidade dos estudantes (Lima et al, 2020).

A presença das PCAN nas aulas de Educação Física escolar possibilita as mais variadas formas de ensino, tendo em vista que são diversas modalidades que se caracterizam por serem praticadas na natureza, seja no solo, ar ou água. Nessa perspectiva, por se tratarem de práticas realizadas em espaços com baixa intervenção humana, é possível integrar conhecimentos de outras áreas de conhecimento ao conteúdo das PCAN na Educação Física. Sobre isso, concordamos com Fortunato et al. (2013, p. 2),

[...] interdisciplinaridade é entendida aqui, como uma perspectiva de trabalho pedagógico que promove o diálogo de saberes, a conversa entre as diversas áreas do conhecimento e seus conteúdos, o entrelaçamento entre os diversos fios que tecem o currículo escolar, de modo a

fortalecer, qualificar e contextualizar o processo de aprendizagem dos discentes em seus respectivos níveis de ensino.

Nesse viés, destacamos um trecho do diário da aluna Esporte Orientação sobre uma possibilidade interdisciplinar com o conteúdo das PCAN: “Nessa aula tivemos uma visita de um aluno do curso de Direito, onde ele apresentou um slide com diversos conteúdos relacionado ao que vamos estudando durante as aulas [...] o ponto positivo dessa aula foi ver alguém da área específica nos alertar sobre as lei [SIC]”.

Para Lima (2021, p. 62), “as características do ambiente permitem correlacionar diversos temas, pois nos inserem na dinâmica diária em que os processos de interação do homem e ambiente se desenvolvem”. Assim, a interdisciplinaridade se materializa como uma estratégia para o ensino das PCAN, agregando os conteúdos de outras áreas do conhecimento, como geografia, biologia, direito, matemática, entre outras, bem como a parceria dos outros professores, tornando o aprendizado significativo, além de estimular a curiosidade e criatividade dos alunos.

Diante desse ponto de vista, destacamos a partir de uma estratégia interdisciplinar com a área do Direito, a oportunidade de tematizar os crimes e leis ambientais, sua relação com as PCAN e os impactos desses crimes no meio ambiente. No Brasil, os crimes ambientais são regidos pela Lei nº 9.605/98 (Brasil, 1998), que dispõe sanções penais e administrativas para atos que prejudiquem o meio ambiente. Nas palavras do professor Hiking: “na aula conhecemos as principais leis que norteiam nossas ações no meio ambiente, conhecendo a legislação e as consequências por crimes ambientais que por ventura possamos cometer ao realizar as práticas corporais de aventura”. Para Santos e Rosa (2023, p. 7),

O contato com as Práticas Corporais de Aventura na escola remete a uma valorização com a preservação e respeito com os locais contribuindo, portanto, para uma relação mais íntima com a sociedade e com o mundo em geral. Dessa forma, trabalhar essas práticas na escola pode gerar uma maior conscientização dos alunos sobre aspectos como a preservação da natureza.

A aluna Corrida de Aventura pondera em seu diário: “Foi uma reflexão para conscientizar as pessoas e cuidar do meio ambiente, não poluir e os resultados desses crimes, o quão prejudiciais são”. Nesse viés, o aluno Slackline complementa: “Portanto, necessita do conhecimento sobre a lei. E que faz necessário ter uma educação ambiental para saber preservar o meio ambiente coletivamente”. A partir dos relatos, podemos perceber que abordar esta temática agregada às aulas em espaços não formais de educação estimula o senso crítico dos estudantes de modo que possibilite a conscientização sobre suas próprias ações no meio ambiente.

Na atualidade, a sociedade tem cada vez mais se preocupado com as questões ambientais. Entretanto, as pessoas não possuem o conhecimento sobre o que precisa ser feito para solucionar ou amenizar tais problemas, nem como fazer. Nesse contexto, os conhecimentos relacionados a educação ambiental se tornam importantes para auxiliar na conscientização das pessoas acerca dos problemas ambientais, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos (Fanfa et al., 2019).

Desta maneira, abordar os crimes ambientais nas aulas sobre as PCAN permite que os alunos também identifiquem os possíveis crimes ambientais, a exemplo, trazemos o aluno Windsurfe que relata em seu diário: “Nessa aula aprendemos o que fazer e o que não fazer na natureza. Aprendemos que podemos ter várias consequências ao cometer algum crime ambiental como: poluir a natureza, águas ou o ar, desmatamentos e queimadas ilegais etc”. Tornando-se primordial o entendimento dos estudantes sobre essas questões, já que também são um público praticante das modalidades de aventura e estão inseridos nos espaços com pouca intervenção humana.

Ainda sobre o TCT meio ambiente, destacamos a partir dos registros nos diários de campo dos alunos, o aspecto da percepção da própria realidade, que fica evidente na fala das alunas Canoagem e Rapel sobre a aula em que foram apresentados os vídeos produzidos, respectivamente:

[...] debatemos sobre os vídeos e vimos quão importante é o cuidado com a natureza e no que essa falta de cuidado nos prejudica. Os vídeos foram gravados em locais naturais para vermos pessoalmente e mostrar como está presente e muitas vezes passa despercebido (Canoagem).

[...] achei importante demais falar sobre, meu tema foi descarte inadequado de lixos, podemos ver que aqui tem muito lixo solto pelo caminho, poderia colocar ponto com lixeiras para fazer o descarte corretamente, temos locais de turismo que deveria ter lixeiras seletivas, como: Bastiões, Rosário, Tota, praça de eventos e em vários outros pontos (Rapel).

A BNCC indica para a Educação Física no ensino médio a ampliação e o aprofundamento dos conteúdos já trabalhados nas etapas de ensino fundamental (Brasil, 2018), bem como os TCT que permitem ao estudante compreender, reconhecer e aprender sobre temas que são relevantes para sua formação enquanto cidadão e para sua atuação na sociedade (Brasil, 2019). Dessa forma, compreendemos que a possibilidade de ensino das PCAN com o TCT meio ambiente, abordando os crimes ambientais, sejam de suma importância para a formação crítica dos estudantes, assim como é uma forma de aprofundar o conteúdo da aventura na natureza, possibilitando que os alunos percebam a realidade a sua volta.

De outro ponto de vista, os diários analisados nos sugerem outras possibilidades transversalizadas de ensino a partir do TCT saúde e, especificamente, as capacidades físicas e cognitivas relacionadas à prática do *Trekking* competitivo. Para a aluna Rapel, o “*Trekking* de velocidade é uma modalidade que exige rapidez, resistência e estratégia”. Partindo dessa ideia, a aluna Surfe complementa que “requer muita resistência, força e velocidade”. Nessa perspectiva, percebemos que ao trabalharmos com o *Trekking* de competição, podemos não só estimular as capacidades físicas dos alunos de forma prática, mas também abre espaço para discutir o assunto.

Além das capacidades físicas, a aluna Esporte Orientação destaca que o *Trekking* também estimula a capacidade cognitiva: “fazendo com que os alunos estimulassem sua habilidade de correr e montar estratégias”. Diante disso, ressaltamos que as modalidades de *Trekking* de competição, por utilizarem de cartas de navegação, planilhas de orientação, mapas, bússola e cronômetros para sua prática, as capacidades cognitivas são fortemente estimuladas, visto que em algumas situações são necessárias à leitura e navegação pelo mapa e cálculo do tempo e distância, reunindo em um cenário a atividade física, mental e ambiental (Miranda, 2023).

Em se tratando do TCT saúde, os diários ainda nos apontam possíveis benefícios do *Trekking* para a saúde, como relata o aluno Paraquedismo no seu diário: “[...] a promoção de um melhor bem-estar, aumento do condicionamento físico e o relaxamento mental e muscular”, em consonância com a Federação Mineira de *Trekking* e Enduro a Pé, que destaca em sua página virtual alguns benefícios, como a melhora da força, autoestima, bem-estar e alívio do estresse (Benefícios do *Trekking* – Federação Mineira de *Trekking* e Enduro a Pé, 2025).

Por fim, os achados nos diários de campo trazem a integração do TCT saúde a partir da alimentação saudável, considerando que ao propor aulas sobre *Trekking* de competição em espaços não formais de educação, como a Trilha dos Bastiões, é essencial que os participantes levem lanche e água para beber. De acordo com o professor Hiking, “vimos a possibilidade de integrar alguns temas transversais a exemplo de alimentação saudável e educação ambiental”. Nesse sentido, o TCT saúde nas PCAN pode ser abordado de diferentes formas, indo de habilidades físicas e cognitivas até possibilidades com alimentação saudável e grupos alimentares, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAMINHO TRILHADO

O objetivo do nosso estudo foi analisar as possibilidades pedagógicas para o ensino e aprendizagem das PCAN com estudantes do ensino médio em uma escola estadual e na Trilha dos Bastiões, na cidade de Serrinha dos Pintos – RN.

Dos resultados desse estudo, nas seções de possibilidades didático-pedagógicas de ensino e possibilidades transversalizadas de ensino, evidenciamos as possibilidades de estratégias e metodologias para o ensino das PCAN, como a análise e gestão dos riscos, *Trekking* de competição, Microaventura, confecção de materiais como mapas da escola e da trilha utilizando recursos tecnológicos, a abordagem do TCT meio ambiente, saúde e a interdisciplinaridade com a área de Direito a partir dos crimes e leis ambientais, e as aulas na Trilha dos Bastiões.

Logo, destacamos o *Trekking* como uma estratégia central para o ensino das PCAN na Educação Física escolar, tanto no espaço formal da escola quanto no espaço não formal da Trilha dos Bastiões, ampliando a atuação docente para além dos muros da escola, diversificando metodologias e possibilitando o desenvolvimento de habilidades e competências críticas, ambientais e de trabalho em equipe dos estudantes.

Entre os achados, evidenciamos a estratégia interdisciplinar com a área do Direito como uma forma inovadora de contemplar o TCT meio ambiente aproximando os conteúdos das PCAN com a legislação ambiental, proporcionando reflexões críticas sobre leis e crimes ambientais, bem como seus impactos na natureza, enfatizando, também, a nossa responsabilidade com os espaços naturais enquanto sociedade. Assim, reafirmamos o potencial das PCAN para provocar o diálogo com outras áreas do conhecimento, ampliando o aprendizado para além das modalidades.

Dessa forma, as possibilidades pedagógicas para o ensino e aprendizagem das PCAN em espaços formais e não formais de educação podem se dar de variadas formas, a depender do contexto em que a escola está inserida e os recursos disponíveis, devendo o planejamento ser um ponto crucial para esse processo, tal como o olhar do professor para os espaços fora da escola, seja nos arredores da instituição ou locais mais distantes. O uso dos espaços não formais de educação em aulas sobre PCAN possibilita o aprendizado dos estudantes para além dos aspectos da modalidade trabalhada, relacionando o contexto dos problemas ambientais presentes no local e suas possíveis soluções, iniciando, dessa maneira, o processo de consciência crítica dos alunos sobre os espaços em que vivem e convivem.

Do ponto de vista docente, as possibilidades de ensino propostas nesse estudo são caminhos que podem ser seguidos por outros professores de Educação Física, adaptando as suas realidades. Sugerimos, então, a presença de outras disciplinas do currículo escolar, visto que o contexto dos espaços naturais engloba diferentes conhecimentos, assim como novos estudos de pesquisa-ação nessa perspectiva.

Contribuições dos Autores: Silva, M. M. da: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual; Sousa, D. Q de O.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

Aprovação Ética: Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. CAAE: 83914724.6.0000.5294.

Agradecimentos: Não aplicável.

REFERÊNCIAS

- Auricchio, J. R. (2016). Segurança e gestão de riscos nas atividades de aventura. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 21(215). <https://www.efdeportes.com/efd215/riscos-nas-atividades-de-aventura.htm>
- Benefícios do Trekking – Federação Mineira de Trekking e Enduro a Pé. (s.d.). Federação Mineira de Trekking e Enduro a Pé. <https://femitep.com.br/beneficios-do-trekking/>
- Brasil. (1998). Lei n. 9.605. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos.

- Brasil. (1999). Lei n. 9.795. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos.
- Brasil. (2018). Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF. <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>
- BRASIL. (2019). Ministério da Educação. Temas contemporâneos transversais na BNCC: Propostas de práticas de implementação. Brasília, DF. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/guia_pratico_temas_contemporaneos.pdf
- Dias, J., & Moreno, S. (2019). Introdução do Esporte e Leitura de Mapas de Orientação. Canal Orientista em Foco. <https://www.graxaim.site/biblioteca-graxaim/introdução-do-esporte-e-leitura-de-mapas-de-orientação-volume-1-2-revisão-2019>
- Fanfa, M. S., Guerra, L., & Teixeira, M. do R. F. (2019). Educação não formal: a praia como um espaço para Educação Ambiental. Debates Em Educação, 11(24), 66–83. <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2019v11n24p66-83>
- Fortunato, R., Confortin, R., & Silva, R. T. d. (2013). Interdisciplinaridade nas escolas de educação básica: Da retórica à efetiva ação pedagógica. Revista de Educação do IDEAU, 8(17).
- Franco, L. C. P., Cavasini, R., & Darido, S. C. (2014). Práticas corporais de aventura. In Práticas corporais e a organização do conhecimento: Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura (3a ed., p. 138). Editora da Universidade Estadual de Maringá.
- Franco, L. C. P., Tahara, A. K., & Darido, S. C. (2018). Práticas Corporais de Aventura nas propostas curriculares estaduais de Educação Física: Relações com a Base Nacional Comum Curricular. Corpoconsciência, 22(1), 66-76. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/6022>
- Gil, A. C. (2002). Como elaborar projetos de pesquisa (4a ed.). Atlas.
- Hegeto, L. d. C. F. (2019). Os conhecimentos didáticos na formação de professores. Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, 11(20), 89–108. <https://doi.org/10.31639/rbpf.v11i20.189>
- Inácio, H. L. D. D. (2014). Práticas Corporais de Aventura na Natureza. In Dicionário Crítico da Educação Física (3a ed., pp. 531–535). Editora Unijuí.
- Inácio, H. L. de D., & Baena-Extremera, A. (2020). Práticas corporais de aventura na educação física espanhola: um estudo com foco na metodologia e na avaliação. Caderno De Educação Física E Esporte, 18(3), 125–131. <https://doi.org/10.36453/2318-5104.2020.v18.n3.p125>
- Inácio, H. L. de D., Cauper, D. A. C., Silva, L. A. de P., & Moraes, G. G. de. (2016). Práticas corporais de aventura na escola: Possibilidades e desafios - reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. Motrivivência, 28(48), 168–187. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n48p168>
- Jacobucci, F. C. D. (2008). Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. Revista Em Extensão, 7(1). <https://doi.org/10.14393/REE-v7n12008-20390>
- Jales, P. B. G. (2024). Práticas corporais de aventura: Educação Física na perspectiva inclusiva [Trabalho de conclusão de curso, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte]. Departamento de Educação Física.
- Kroeff, R. F. da S., Gavillon, P. Q., & Ramm, L. V. (2020). Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. Estudos E Pesquisas Em Psicologia, 20(2), 464–480. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.52579>
- Lima, J. T. S. d. (2021). Trekking como prática pedagógica interdisciplinar no Ensino Médio integrado na promoção da Educação Ambiental [Mestrado, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre]. Repositório Institucional do IFAC. <https://repositorio.ifac.edu.br/jspui/handle/123456789/33>
- Lima, J. T. S. D., Garcia, A. M. L., Amaral, C. D. A., Freitas, R. G. D. A., & Tomaz, V. R. (2021). Trekking pedagógico IFAC. <https://repositorio.ifac.edu.br/jspui/handle/123456789/33>
- Lima, J. T. S. de, Garcia, A. M. L., Amaral, C. de A., Freitas, R. G. de A., & Tomaz, V. R. (2020). Trekking como prática pedagógica em espaços amazônicos: uma perspectiva aos Institutos Federais. Educação Profissional E Tecnológica Em Revista, 4(Especial), 38-54. <https://doi.org/10.36524/profept.v4iEspecial.633>
- Miranda, E. A. (2023). Práticas corporais de aventura na educação física escolar: Uma proposta de ensino do trekking de regularidade nos anos finais do ensino fundamental [Mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional UNESP. <https://hdl.handle.net/11449/251362>

- Nascimento, M. d. C. D. d. (2022). Práticas corporais de aventura na natureza: Uma proposta pedagógica junto à educação física escolar inclusiva [Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/50804>
- Pereira, D. W., & Armbrust, I. (2010). Pedagogia da aventura: Os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Fontoura.
- Pimentel, G. G. d. A. (2022). Microaventuras como método de ensino de práticas corporais de aventura na educação física escolar. REBESCOLAR, 4, 47–60.
- Pope, C., & Mays, N. (2005). Pesquisa Qualitativa na Atenção à Saúde (2a ed.). Artmed.
- Puppim, R. R. (2023). Os espaços não formais de ensino e as práticas de educação ambiental nas escolas municipais de Cachoeiro de Itapemirim-ES [Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo]. Repositório UFES. <http://repositorio.ufes.br/handle/10/12297>
- Risso, H. F. F. (2023). Ensino do Esporte Orientação e escolarização da aventura nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental II [Mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. Repositório Institucional da Universidade Estadual De Maringá.
- Santos, K. d. A., & Rosa, A. d. A. S. (2023). Práticas corporais de aventura: O arvorismo na Educação Física escolar. Debates em Educação, 15(37). <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2023v15n37pe15874>
- Schoenberger, V. (2023). Práticas Corporais de Aventura na Natureza: Construindo e experimentando possibilidades para a Educação Física escolar [Mestrado, Universidade Do Vale do Taquari]. Biblioteca Digital da Univates. <http://hdl.handle.net/10737/4326>
- Silva, M. M. d., & Sousa, D. Q. d. O. (2025). Práticas Corporais de Aventura na Natureza na Educação Física escolar: Uma revisão bibliográfica. REDFOCO, 12(1), 25–46. <https://doi.org/10.59776/2358-243X.2025.6747>
- Sousa, D. Q. d. O., & Araújo, A. C. d. (2016). As Práticas Corporais de Aventura na Educação Física Escolar: O que o estado da arte nos diz. LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, 19(2), 72–110. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2016.1236>
- Sousa, D. Q. d. O., Araújo, A. C. d., Santos, A. d. P. d., & Dias, M. A. (2015). Esporte orientação: Relato de experiência pedagógica no ensino médio. Cadernos de Formação RBCE, 88–100. <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2188/1159>
- Tahara, A. K., & Darido, S. C. (2016). Práticas corporais de aventura em aulas de educação física na escola. Conexões, 14(2), 113-136. <https://doi.org/10.20396/conex.v14i2.8646059>
- Thiollent, M. (2004). Metodologia da pesquisa-ação (13a ed.). Cortez Editora.

Recebido: 14 de março de 2026 | **Aceito:** 22 de junho de 2026 | **Publicado:** 23 de setembro de 2026



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.